

O LÉXICO NA REGIÃO NORDESTE: QUESTÕES DIATÓPICAS

Edmilson José de Sá¹

edmilsonjsa@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem o intuito de refletir um pouco sobre o léxico do Nordeste. Para tanto, faz-se uma análise diatópica de algumas realizações encontradas em atlas linguísticos já concluídos e em fase de elaboração. Afim de estabelecer confrontos entre os dados escolhidos, são usados os atlas da Bahia, da Paraíba, do Ceará, de Sergipe e o de Pernambuco, ainda em construção. Desses *corpora*, foram escolhidas realizações para *arco-íris*, *estrela-cadente*, *rótula* e *avarento*. Percebeu-se que o léxico nordestino é bastante diversificado, pois tanto é possível encontrar lexias distintas, como únicas na fala espontânea dos estados que compõem a região. Além disso, certos informantes preferiram determinar conceitos a lançar mão de lexias simples ou compostas, talvez sob influência de elementos extralinguísticos ou sociais, tais como sexo, faixa-etária e escolaridade, como tem sido percebido em outros trabalhos da mesma natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Dialetoлогия; Atlas Linguístico; Nordeste.

INTRODUÇÃO

Ao se estudar o léxico de uma dada comunidade, logo vêm à tona as semelhanças e contrastes linguísticos que essa comunidade possui em relação a outras, seja no âmbito diastrático, seja no diatópico. Teoricamente, esse tipo de estudo fica sob os auspícios da Sociolinguística e da Dialetoлогия, como linhas responsáveis pelo estudo das variações encontradas na fala espontânea.

No campo dialetológico, as pesquisas são documentadas em atlas linguísticos, que comportam cartas com as realizações mais relevantes nos campos fonético, lexical e morfossintático.

Assim, o estudo em tela procura traçar um perfil, ainda que preliminar, sobre o léxico na Região Nordeste, de modo a descrever contrastivamente as variantes encontradas em pesquisas já consolidadas.

¹ Doutorando em Letras na Universidade Federal da Paraíba – UFPB e organizador do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALIPE)

Por ora, serão mostrados aspectos de cunho lexical, tomando como corpus algumas realizações encontradas nos Atlas Linguísticos da Bahia, da Paraíba e do Ceará, além de pesquisas em andamento realizadas no Maranhão e em Pernambuco.

Na ocasião, será dado destaque aos campos semânticos da fauna, de fenômenos atmosféricos, corpo humano, astros e tempo e características psicológicas.

Antes de mostrar a exegese, será feita uma abordagem teórica acerca do léxico, da diatopia linguística à luz da dialetologia e sua relação com a sociolinguística.

1. LÉXICO E SOCIEDADE

Ao tomar emprestada a referência de Barbosa (1993, p. 158), que vê a língua, a sociedade e a cultura como “termos indissociáveis, já que interagem continuamente e constituem, na verdade, um único processo complexo”, entende-se como contextos socioculturais podem ser responsáveis pela heterogeneidade linguística, muitas vezes difícil de ser entendida.

Além disso, questões ideológicas, valores éticos, morais e culturais podem se manifestar na fala espontânea através do léxico presente na memória do falante. Assim, para Dubois *et alli* (2007), o léxico na linguística designa “o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc. Por essa razão, o léxico entra em diversos sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado o conceito”. Essas questões, então, quase sempre deixam transparecer as tradições de que cada comunidade participa, o que se justifica pelas intensas relações étnicas existentes há muito tempo.

Dentre os níveis da língua, o léxico é um dos mais afetados por influências externas, haja vista que, como o tesouro vocabular de uma língua, ele perpetua a herança cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social, como atesta Biderman (1990).

Ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim usa a língua como retrato de seu tempo, atuando, inclusive como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. A língua é, pois, um instrumento distinto da manifestação da cultura de um povo, enquanto conjunto das invenções humanas, conforme o pensamento de Camara Jr.(1985).

De fato, é através da interação humana que surgem as relações sociais, como ponto de partida para reunir e integrar pessoas e grupos. São em situações comuns do dia-a-dia que se

formam as interconexões responsáveis pela aproximação de práticas comunicativas e a concepção social da realidade.

2. VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E AS RELAÇÕES COM A DIASTRATIA E A DIATOPIA

A compreensão mais apurada das heterogeneidades da língua tem sido mais evidentes em estudos voltados para a Sociolinguística e para a Dialectologia. A primeira preconiza o estudo de variações na língua falada e sua interferência com restrições sociais, tais como sexo, tipificação etária, escolaridade, localização, renda e muitas outras. Já a segunda se manifesta a partir da cartografia dos resultados ou simplesmente pela análise contrastiva das realizações linguísticas encontradas em uma região qualquer.

Na visão de Chambers & Trudgill (1980, p. 70), as duas linhas de análise descritiva da língua não são indissociáveis, ou seja:

Os dialetólogos estabeleceram há muito tempo que a língua varia de lugar para lugar. Os sociolinguistas enfatizam que a língua também pode variar de pessoa para pessoa no mesmo lugar. Tanto para os dialetólogos, quanto para os sociolinguistas, não é o simples fato da variação linguística que é importante. O que é importante é que essa variabilidade correlaciona-se com outros fatores, de modo que certas variantes são mais estreitamente associadas a uma vila do que a outra, a trabalhadores mais do que aos gerentes, a pessoas que falam com amigos próximos, em vez de estranhos, ou a algum outro fator.

Blanch (1978, p. 53 - 4) também reforça a relação da Sociolinguística com os estudos dos dialetos, afirmando que a dialectologia pode, evidentemente, se beneficiar extremamente com as contribuições da sociolinguística, como, de fato, já tem ocorrido. Desta feita, o progresso metodológico que a sociolinguística estabeleceu com sua rigorosa e solidificada consideração de fatores sociológicos, antes somente tratados superficialmente pela dialectologia, hoje tem sido amplamente utilizado na análise descritiva da língua.

Os primeiros registros de trabalho com a Dialectologia surgiu no final do século XIX e início do século XX com a pesquisa de Jules Guilliéron, realizada precisamente entre 1897 e 1901, a partir da qual foram realizadas pesquisas em 639 localidades do país, sendo, para isso, aplicado um questionário com mais de mil perguntas acerca de variados campos semânticos.

Mas o trabalho de Guilliéron não foi executado sozinho. Graças ao auxílio de Edmond Edmont, os resultados culminaram da construção do primeiro Atlas Linguístico de que se tem notícia, o “*Atlas Linguistique de la France*” (ALF), publicado entre 1902 e 1912.

Como todo trabalho pioneiro, o estudo de Guilliéron também foi passível de críticas, mas, mesmo assim, já adquiriu seu lugar de destaque, servindo de inspiração para estudos que só ratificam o “valor excepcional ao conhecimento das variedades regionais de uma língua” (BRANDÃO, 1991, p. 11).

No caso do Português Brasileiro, os estudos geolinguísticos também ocorrem há algum tempo. De início, a ideia era analisar o pensamento brasileiro e as manifestações culturais de cada região. A partir daí, não demorou muito para que outro aspecto passe a servir de produto de análise: a língua.

Com o fim da Primeira Guerra, produções que analisaram o pensamento brasileiro e suas manifestações culturais já interessavam. Este fato representou o primeiro passo para estudar outro aspecto do país: seu idioma.

Nascentes (1958) almejava construir uma descrição delineada do Português falado no Brasil. Contudo, prevendo as dificuldades que poderiam aparecer à sua frente, decidiu adiar o projeto, preferindo, assim, construir atlas regionais, como tem ocorrido desde o início dos anos sessenta.

A esse respeito, o filólogo salienta que:

embora seja muito vantajoso um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, 1958, p. 07).

Inspirado em Nascentes, Nelson Rossi, elaborou junto a uma equipe capacitada o *Atlas dos de Prévio Falares Baianos - APFB*, em 1963 e, seguindo-o, outros atlas foram construídos pelo país. Em 1977 foi a vez do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, seguido em 1984 do *Atlas Linguístico da Paraíba*. Três anos depois, o *Atlas Linguístico de Sergipe* foi concluído. Em 1994 foi a vez do *Atlas Linguístico de Paraná* ser construído.

A partir daí, deu-se uma pausa e só em 2002 foi elaborado o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil*. No Norte, foi criado o primeiro atlas linguístico sonoro, com inquéritos realizados no *Pará* e concluídos em 2004. Uma tese de Doutorado culminou com o *Atlas Linguístico do Amazonas*, cuja defesa ocorreu em 2004.

No ano seguinte, a professora da UFBA Suzana Cardoso organizou para sua tese de Doutorado o *Segundo Atlas Linguístico de Sergipe* em 2005. Em 2007, o *Atlas Linguístico de Paraná - II* e o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* foram os últimos atlas estaduais já concluídos.

Porém, em fase inicial ou avançada de pesquisas, há ainda seis Atlas Regionais nos estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Pará e Pernambuco, cujas pesquisas se somam a outras tantas dissertações e pesquisas já finalizadas ou sendo preparadas por estudiosos na iminência de conhecer sua realidade linguística através de atlas microrregionais.

3. CASOS DE VARIAÇÃO LEXICAL EM FOCO

Tendo em vista a preocupação de Nascentes em compilar a linguagem espontânea, muitos trabalhos sobre o léxico têm sido elaborados no quatro cantos do país.

Tais trabalhos têm usufruído dos questionários preparados para os inquiridos do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) com questões referentes a astros e tempo, fenômenos atmosféricos, corpo humano, fauna, comportamento, vida urbana, dentre outros aspectos.

Um dos trabalhos dessa natureza foi elaborado por Silva & Aguilera (2007), sobre as variantes do campo lexical “fauna”. Nele as autoras resgataram dados de 13 capitais brasileiras: Macapá, Boa Vista, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo, Vitória, Curitiba e Florianópolis.

Ao serem questionados sobre *a ave preta que come animal morto, podre?* (QUESTIONÁRIOS, 2001, p. 26), os 104 informantes distribuídos nas capitais apresentaram sete variantes: *urubu*, que teve 104 respostas, perfazendo 86%, foi encontrada em todas as cidades e proferida por quase todos os entrevistados. As demais lexias atingiram percentual inferior a 10%, como *corvo* com 9 (8%) e *abutre* com 2 (2%).

Nessa pesquisa houve também ocorrências únicas quais sejam: *come-carniça*, *bicho-carniça*, *corcovado* e *carniceiro*.

Ainda no campo da fauna, no trabalho de Sá (2011) realizado em Pernambuco, foi indagada a questão (066) sobre *qual a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa*. A designação que mais foi respondida é a mesma que motiva a pergunta nos Questionários do ALIB (2001), o *joão-de-barro*. Porém, algumas realizações mais populares ou até mesmo pouco relacionadas ao conceito específico do pássaro foram proferidas, pois para Barros & Paulino (2008, p. 237-238):

ele mede cerca de 20 cm de comprimento e de cor castanho-avermelhada e é encontrado no Brasil e em todos os países da América do Sul. Pertencente à família dos passeriformes, o macho ajuda nos cuidados com os filhotes, que demoram 15 dias para nascer (...) O ninho é feito de barro, palhas e esterco, com 30 cm de comprimento e 25cm de largura.

Contudo, outras formas foram encontradas, a despeito das 17 realizações de *joão-de-barro*, com o total de 47% percentuais.

As demais respostas mais recorrentes estão dispostas no quadro abaixo:

Variantes	Total / %	Variantes	Total / %
Joana de barro	4/11 %	Churéu	1/2,7 %
Rolinha	3/8 %	Janica	1/2,7 %
Maria-de-barro	2/5 %	Garrincha	1/2,7 %
Pardal	2/5 %	Lavadeira	1/2,7 %
Pica-pau	2/5 %	Maria-pobre	1/2,7 %
Jana de barro	2/5 %	Não souberam	7/19 %

Tabela 1: Variantes para João-de-barro

As realizações *Joana-de-barro* e *Jana-de-barro* ocorreram nas quatro cidades pernambucanas pertencentes ao alto sertão, *Serra Talhada*, *Ouricuri*, *Petrolina* e *Afrânio*. Elas refletem apenas variações morfossintáticas, com interferência fonética e, no caso da realização *Maria-de-barro*, que foi mencionada em *Caruaru* e *Limoeiro*, trata-se de uma variante popular motivada apenas pelo gênero do substantivo próprio que caracteriza o pássaro. Já a realização *pardal*, mencionada em Tupanatinga, se refere a uma ave de classificação diferente da que caracteriza o *joão-de-barro*.

No campo dos fenômenos atmosféricos, pode-se destacar o trabalho de Cardoso & Ferreira (1999), com designações de *arco-íris* encontradas nas capitais do Brasil.

No trabalho das pesquisadoras, o termo *arco-íris*, designação geral para pergunta sobre a faixa colorida que aparece no céu em dias de chuva, atingem percentuais consideráveis como *arco celeste*, em 96% da rede de pontos na Paraíba e 36% na Bahia, *arco-da-velha* com 67% da rede no Paraná, 49% em Minas Gerais e 28% na Bahia. Outras, porém, constituem-se apenas um só registro tais como *rabo-de-pavão*, *os véus*, *sete-e-um-couro*.

Barbosa-Doiron (2010) também analisou um aspecto dos fenômenos atmosféricos em São Paulo. Ela desejou colher designações para a questão de número 07 sobre o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves, cujas respostas chegaram a 148 itens lexicais, alguns dos quais com registro único.

O item redemoinho obteve quase 36% das ocorrências, seguindo dos 35% de rodainho, 11% de redemunho, 5% de furacão, 2% de ventania. As respostas tormenta, tufão, vendaval e roda de munho foram registradas apenas uma vez.

4. A LÍNGUA DO NORDESTE

É fato que a língua portuguesa aportou primeiro no Nordeste, através dos donatários das capitâneas, quando a antiga Terra de Vera Cruz era apenas uma faixa estreita, limitada pelo Tratado de Tordesilhas. Em meio à catequese jesuítica, eles preferiam usar o latim a aprender a língua geral da costa - o *tupi* - para melhor divulgar a fé cristã.

No Nordeste, a língua foi adequada a novos hábitos fonéticos, recheando-se de termos de origem indígena e, mais adiante, de origem africana. Essa modalidade de língua transplantada foi mantida quase sem ser modificada, diferentemente do Sudeste, já que nela há grandes quantidades de falantes de outras línguas.

Para Carvalho (2000),

uma vez que a língua e a cultura são indissociáveis, no Nordeste, encontramos nessa região uma cultura rica em termos, ritmos e expressão plástica, com um traço eminentemente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizado em época de globalização.

Os diferentes modos de falar do brasileiro nas mais diversas localidades podem ser exemplificados na forma variável da palavra */bonito/* que, na fala dos pernambucanos, se realiza como [m(i)ninu], enquanto o baiano abre bem e diz [m(E)ninu], opostamente aos falantes sulistas, que pronunciam essa palavra com a vogal *e* fechada tal como [m(e)ninu].

Apesar da riqueza cultural já estabilizadas em trabalhos acadêmicos, há pouco documentado em relação à fala nordestina. O trabalho de Marroquim (1996) intitulado *A Língua do Nordeste* foi um dos primeiros a serem publicados sobre a região, embora o grande destaque tenha sido dado a Pernambuco e a Alagoas. Além de um retrospecto histórico, o autor analisa fatos específicos como a fonologia, as figuras de dicção, o léxico e a sintaxe na fala característica da região nordestina.

Outro trabalho foi o projeto *VALPB*, iniciado em 1994, culminou em quatro volumes publicados em 2001, sob a organização dos professores Dermeval da Hora e Juliene Pedrosa, e ainda se mantém ativo na realização de pesquisas do português falado na Paraíba. Esse projeto almeja traçar o perfil linguístico em nível fonético-fonológico e gramatical dos falantes da comunidade de João Pessoa, observando fatores estruturais e sociais que interferem na realização de determinados fenômenos, com destaque para a palatalização e aspectos de concordância verbal. No período 2003-2006, a ênfase foi para o processo de apagamento das consoantes em posição de coda /r, l, s, n/, bastante recorrente no Português Brasileiro e também em muitas línguas do mundo. A proposta do *VALPB* também visa

estabelecer comparações em nível regional e nacional, salientando as semelhanças e divergências dialetais.

5. ATLAS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE: INSPIRAÇÕES E PRETENSÕES

Inspirados por Nelson Rossi, que criou o primeiro documento responsável por mapear a fala dos baianos, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), em 1963, outros atlas passaram a ser criados.

Na Bahia, foram usados 50 pontos de investigação, selecionadas de acordo com a antiguidade, o afastamento dos grandes centros e o número de habitantes. Nesses pontos, foram realizados inquéritos envolvendo aspectos agro-pastoris, do corpo humano, da flora e da fauna, astros e tempo, bem como questões relacionadas a características tipicamente humanas.

5.1 ATLAS LINGUÍSTICO DA PARAÍBA (APFB)

Advindo de um projeto organizado no início dos anos 70, foram quase quinze anos para que o Atlas Linguístico da Paraíba fosse concluído, sob a coordenação da professora Maria do Socorro Aragão e auxiliada pela professora Cleuza Bezerra de Menezes.

Nesse estado, foram escolhidos 25 pontos de pesquisa, de modo a cobrir todo o estado, tendo entre três e dez informantes para cada município.

Além de uma vasta seleção de fenômenos fonéticos, que possibilitaram a compreensão do modo de falar paraibano, foram encontradas muitas variantes lexicais, a partir das questões já existentes para esse tipo de diagnose. Além disso, como ocorre em outros atlas regionais, questões específicas foram criadas e, no caso, os campos da cana-de-açúcar e da mandioca foram os temas escolhidos para esse fim.

5.2 ATLAS LINGUÍSTICO DE SERGIPE I E II (ALS)

O primeiro estado a constar com dois atlas linguísticos é, coincidentemente, o menor estado brasileiro. Em 1987, a equipe da professora Carlota Ferreira definiu 15 pontos de inquérito para o primeiro atlas linguístico de Sergipe. Nesse trabalho, foi utilizado um questionário com os temas terra, vegetais, homem e animais.

Sentindo a necessidade de aprimorar os aspectos lexicais do estado, a professora Suzana Cardoso decidiu elaborar sua tese de Doutorado construindo um segundo atlas para Sergipe. Nele foi escolhida a área semântica *homem*, contemplando subáreas relacionadas ao campo físico e ao social.

5.3 PROPOSTA PARA UM ATLAS LINGUÍSTICO DO MARANHÃO (ALIMA)

Um projeto para mapear a fala do Maranhão saiu do papel em 2000 e foi aprovado em 2002. Ao todo, foram estabelecidas 18 localidades de pesquisa, contemplando os pontos do ALIB (Atlas Linguístico do Brasil).

Além das questões propostas para o ALIB, aspectos específicos tais como bumba-meu-boi, culinária, línguas indígenas, cultura africana, produtos agro-extrativistas e reggae foram utilizados nos inquéritos.

5.4 UM PROJETO DE MAPEAMENTO DA FALA POTIGUAR

Está em fase de pesquisas o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALIRN) sob a coordenação da professora Maria do Socorro Silva de Aragão e da professora Maria das Neves Pereira.

A proposta é que sejam investigados dez municípios de todo o estado e os informantes deverão seguir a metodologia já consolidada do ALIB, duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos) e escolaridade que não ultrapasse o quinto ano do ensino fundamental (antiga 4ª série). Culturas agrícolas e populares estão entre os pontos a serem investigados no questionário específico.

5.5 ATLAS LINGUÍSTICO DO PIAUÍ (ALUPI): PRIMEIRAS INFORMAÇÕES

A proposta para o mapeamento da fala dos habitantes do Piauí faz do projeto coordenado pelo Professor Luiz Egito de Souza, em fase inicial de elaboração, conforme consta do Documento 2: Projeto ALiB (2006 p.35-63). Esse projeto seguirá a mesma metodologia do Atlas Linguístico do Brasil.

No Piauí serão inquiridas 12 localidades pertencentes a microrregiões do Estado do, 52 informantes, homens e mulheres, nas faixas etárias de 18 a 30 e de 45 a 60 anos, com nível de instrução entre a alfabetização, o 5º ano do Ensino Fundamental e nível superior.

Os questionários utilizados são os mesmos questionários do ALiB, mas estão sendo elaborados outros que contemplem as principais manifestações artístico-culturais e os produtos agrícolas do Estado do Piauí.

5.6 DO NASCITURO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO CEARÁ ATÉ A RECENTE PUBLICAÇÃO

Apesar de sua publicação ter saído apenas em 2010, desde os anos 70 o ALECE (Atlas Linguístico do Ceará) já estava sendo pensado.

Coordenado pelo professor José Rogério Fontenele Bessa, esse atlas possui dois volumes, sendo que o primeiro apresenta a história do estado e orientações teórico-metodológicas. Já o segundo exemplar contempla as cartas lexicais, um glossário e as referências consultadas.

Foram visitados setenta pontos de inquérito, tendo, cada um, quatro informantes entre 30 e 60 anos, de nível escolar nulo até ensino fundamental completo.

5.7 ALIPE: O ATLAS LINGUÍSTICO DE PERNAMBUCO

Um projeto de Tese de Doutorado foi proposto pelo professor Edmilson Sá à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e está fase mediana de pesquisas, já que até o momento, das vinte e duas cidades previstas, dez já foram investigadas e duas em fase de conclusão.

Além dos questionários fonéticos-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos do ALiB (2001), questões específicas relacionadas aos folguedos frevo e maracatu e ao artesanato barro e renascença também estão sendo aplicadas.

O estado de Alagoas não tem nenhum trabalho completo à luz da dialetologia.

6. REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS LEXICAIS NO NORDESTE

De acordo com os trabalhos dialetológicos já publicados, muitos aspectos lexicais foram encontrados, demonstrando a variabilidade com que o falante do Português Brasileiro se depara, em especial os nordestinos.

Para não tornar o trabalho exaustivo, serão consideradas algumas realizações encontradas nos Atlas Linguísticos da Bahia, do Ceará, da Paraíba, de Sergipe e dos resultados preliminares retirados da pesquisa em Pernambuco.

O confronto de resultados será baseado em alguns itens lexicais relacionados à “fenômenos atmosféricos”, “corpo humano” e “cultura e convívio”.

6.1 VARIANTES PARA ARCO-ÍRIS

Para responder à pergunta sobre a faixa colorida e circular que se apresenta no céu em dias de chuvas, foram encontradas algumas variantes até comuns de um estado para outro.

A lexia *arco-íris*, conforme o Houaiss (2009), vem de arco + Íris, a mensageira da deusa Juno, que vinha do céu, caminhando no arco, o que na mitologia, passou a conhecido como *arco de Íris*.

Trata-se, na realidade, da luz do sol largueada pelo espectro de cores, repelidas para o olho do observador através de pequenas gotas de chuva. O arco que passar a existir é apenas metade do círculo que tem um centro comum, mas não é todo visível.

A tabela seguinte mostra, a título de comparação, as lexias mais comuns.

Bahia	Ceará	Paraíba	Sergipe	Pernambuco
Arco	Aliança-do-céu	Arco	Arco-celeste	Arco-celeste
Arco-celeste	Arca-da-aliança	Arco-celeste	Arco-da-velha	Arco-íli
Arco-da-aliança	Arco	Olho-de-boi	Arco-de-boi	Arco-íris
Sete-couros	Arco-celeste	Arco-íris	Arco-de-velho	Auco-celeste
Barra-de-nuvem	Arco-da-velha	As barras	Arco-íris	Auco-ílio
Arco-da-velha	Arcoírio	As torres	Olho-de-boi	Olho-de-boi
Arco de velho	Arco-íris	Os véus		Arco-flecha
Arco-de-boi	Arcoíro	Os vieiras		Eclipsa
Arco-íris	Arquiceleste	Sub-dourada		
	Barra-de-chuva			
	Escama-de-peixe			
	Íris			
	Olho-de-boi			

Tabela 2: Realizações para arco-íris

Pelos resultados computados acima, percebe-se uma certa coincidência em algumas realizações. Tomando como parâmetro o primeiro atlas linguístico pesquisado na Bahia, serão verificadas, em níveis quantitativos, o que prevalece e o que diverge das pesquisas a outros estados.

Considerando as treze realizações mais recorrentes no Ceará, apenas 4 coincidem com a Bahia, 3 são as mesmas na Paraíba e das seis encontradas, apenas uma não coincide com os

dados da Bahia. Já em Pernambuco, as semelhanças com a Bahia são de apenas duas realizações.

Vale ressaltar a semelhança lexical entre os dados dos cinco estados. As realizações *arco-íris* e *arco-celeste* são que mais coincidem. *Olho-de-boi*, por sua vez, não ocorreu na Bahia, mas, em seu lugar, surgiu a forma semelhante *arco-de-boi*.

A respeito da construção *olho-de-boi*, há apenas algumas considerações, não confirmadas, mas apenas que servem, por ora, para aguçar a curiosidade sobre a linguagem popular.

Essa construção foi encontrada também em Sergipe, Bahia e Minas Gerais e no *Atlas Linguarum Europae*, na região da França, foi registrada a expressão *oeil de boeuf* em francês para *arco-íris*. Para Alinei (1983, p. 50) apud Carlota & Ferreira (1999, p. 24): a referência a animais representa uma visão totêmica antiga da realidade, pois o arco-íris é um animal gigante – mais frequentemente uma cobra – que “bebe” ou “suga” água, assim como as pessoas e animais da terra se manifestam.

Além do pensamento encontrado em Alinei (*op. cit.*), o próprio órgão ocular o boi possui variedade de cores. Conforme encontrado em Saba & Epiphanyo (2001):

a íris do boi é sempre marrom. Ou seja, não existem bois de olhos verdes ou azuis. Além disso, o *tapete* atrás da retina é uma camada azul-esverdeada brilhante e colorida que reflete de volta para a retina a luz que já passou por ela. Ele permite ao boi enxergar melhor no escuro.

Vale, ainda, ressaltar que o zoomorfismo nas designações de arco-íris também apareceu em outras formas da Paraíba e de Minas Gerais, como *cu-de-boi*, *rabo-de-galo*, *rabo-de-pavão* e *arco-de-boi*, já que trazem para a denominação do fenômeno a associação com um determinado animal.

6.2 DESIGNAÇÕES PARA ESTRELA-CADENTE

Na pergunta sobre a estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz, algumas variantes merecem destaque.

A tabela seguinte mostra que no falar paraibano, há mais variantes para a estrela-cadente. O item *zelação* foi recorrente nos quatro estados computados. A respeito dessa designação, cabe um recorte baseado em Houaiss (2009):

Trata-se de um regionalismo do Nordeste do Brasil, de uso informal, para designar estrela-cadente. Etimologicamente, o termo advém de *exalação*, do latim *exhalare*, que significa *emanar* (sob a forma de vapores, odores etc.) um corpo sólido ou líquido. Designa também luminosidade rápida, proveniente de substâncias gasosas que escapam do solo e se inflamam ao entrarem em contato com o ar. A forma *zelação*, provavelmente, faz uma analogia a *zelar*.

Em Sergipe, a cultura do falante prefere usar verbos intransitivos para designar a estrela cadente, como a tabela seguinte também ratifica.

Bahia	Paraíba	Sergipe	Pernambuco
Cometa	Estrela cadente	Zelação	Estrela cadente
Estrela corredeira	Estrela d'alva	Estrela que corre	Estrela d'alva
Planeta	Planeta	Estrela se mudando	Estrela dave
Velação	Zelação	Estrela que desce	Zelação
Zelação	Sete estrelas	Risco que anda	Estrela se mudando
	Papa-ceia		Estrela caiu
	Viração		cometa
	Mercúrio		metiolo
	Barca		Papa-ceia
	Rabisca		
	Elevação		
	Estrela Mariana		
	Deus te abrande		
	Estrela se mudando		

Tabela 3: Realizações para estrela-cadente

Na tabela acima, houve também um caso de alteração fonética para a lexia *meteoro*. O informante pernambucano pronunciou *metiolo*. As alterações de alçamento da vogal média /e/ e o rotacismo da consoantes lateral /l/ são comuns no português falado em Pernambuco, estando bastante presente na fala espontânea dos habitantes de pouca escolaridade, especialmente os que ultrapassam os cinquenta anos, como tem ocorrido nas respostas do questionário fonético-fonológico também apresentado na pesquisa para o Atlas Linguístico do Estado.

6.3 O CASO DA RÓTULA

As designações para o osso redondo na frente do joelho são encabeçadas pela lexia *rótula*. Segundo encontrado em Ferron et alii (2007), esse osso pequeno, que chega a 5 cm de diâmetro no homem adulto, possui formato triangular articulado com o fêmur, cobrindo e protegendo a parte anterior da articulação do joelho. Na ortopedia, há quem também o chame

também de *patela*, como encontrado em Houaiss (2009), lexia essa originária do latim *patella*, como prato pequeno usado em sacrifícios. No corpo humano, o osso redondo tem a forma de um prato.

No Nordeste, já foram encontradas várias lexias que designam a rótula ou patela, conforme a tabela abaixo:

Bahia	Paraíba	Sergipe	Pernambuco
Rótula	Rótula	Rótula	Rótula
Pataca	Cabeça do joelho	Pratinho	Bolacha
Bolacha	Bolacha	Bolacha	Bolacha do Joelho
Pataquinha	Patinho	Bola	Junta
Patinho	Bolacha do joelho	Patinho	Menisco
Cotovelo	Bolachinha	Catoca	Joelho
Bolachinha	Rodinha do joelho	Cotovelo	Bolachão
Prato		Carapucinha	
Rodela		Cabeça	
Carapuça			
Bolinha			

Tabela 4: Realizações para rótula

Houve maiores coincidências léxicas em rótula e em bolacha. Nesse último caso, houve variação estrutural, já que na Paraíba, na Bahia e em Sergipe, houve preferência pelo diminutivo do termo, enquanto em Pernambuco, até agora, em uma ocorrência houve o aumentativo da lexia.

Nos resultados, percebe-se certa incompatibilidade semântica para a resposta menisco estar no quadro. Segundo a Bibliomed (2005),

O joelho é uma articulação de extrema importância, sendo composto pelos ossos da coxa (fêmur) e da perna (tíbia), além da patela (antigamente chamada de rótula). A junção desses ossos depende de estruturas de suporte, como ligamentos, a cápsula da articulação e os meniscos, que garantem a estabilidade da mesma.

6.4 OCORRÊNCIAS PARA MAU PAGADOR OU AVARENTO

Quando questionados sobre a pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar, as expressões léxicas encontradas foram bem diversificadas. A tabela a seguir apresenta os resultados das pesquisas no Nordeste.

Bahia	Paraíba	Sergipe	Pernambuco
Avarento	Amarrado	Pão-duro	Devedor
Canguinho	Unha-de-fome	Somítico	Velhaco
Usurave	Pica-fumo	Fona	Veaco
Sovino	Mesquinho	Seguro	Faz conta e não
Econômico	Sovina	Casquinha	paga
Usurento	Econômico	Canguinha	Pão-duro
Morto-de-fome	Chula	Morto-a-fome	Seguro
Morto-a-fome	Fona	Sovina	
Seguro	Somítico	Usurário	
Mão-apertada	Seguro	Unha-de-fome	
Amarrado-por-detrás	Fominha		
Pão-duro	Arrochado		
Pechincheiro	Morto-a-fome		
Agarrado	Usurário		
Somítico	Morto-de-fome		
	Papagaio-no-arame		
	Agarrado		
	Enforcado		
	Miserável		
	Resina		
	Dominado pelo dinheiro		
	Amarrado que nem catarro na parede		

Tabela 5: Realizações para mau pagador

Com base em alguns itens encontrados no Nordeste e dispostos na tabela 4, é possível perceber a grande quantidade de lexias compostas e frasais, talvez criadas pela questão semântica. A lexia *morto-de-fome*, por exemplo, relata o fato de a pessoa querer sempre mais do que aquilo que está a seu alcance.

Há muitas lexias dicionarizadas como pão-duro, somítico, avarento, sovino e seguro. Essa última está presente nos dados dos quatro estados.

A lexia mais encontrada até agora em Pernambuco foi *velhaco*, de origem espanhola, advinda de *bellaco*, com sentido de *homem de vida má*. Interferências do francês em despalatalizar ou até iotizar as palavras com /l/ podem ter contribuído com a realização *veaco*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nas tabelas e comentários acerca das realizações encontradas nas pesquisas realizados na Bahia, no Ceará, na Paraíba, em Sergipe e em Pernambuco, é possível imaginar, a depender da conclusão do trabalho em Pernambuco e em outros estados, que seja possível compreender mais apuradamente a variação regional nordestina.

As pesquisas sobre designações para *arco-íris*, *estrela-cadente*, *rótula* e *pessoa* avarenta apontaram variantes categóricas em todo país, mas também ofereceram respostas tipicamente regionais, o que tornou possível a determinação de marcas dialetais.

É necessário considerar a importância de se conhecer a cultura do povo nordestino, com suas tradições conservadoras, que só tendem a demonstrar a riqueza existente no Brasil. Assim, os casos que foram registrados nesse trabalho representam apenas uma amostra do conhecimento lexical nordestino.

Espera-se que outros estudos de natureza dialetal sobre o léxico sejam realizados no Nordeste e, pelo *continuum*, no restante do país, de modo a lançar sementes para novas pesquisas, que questionem, aprofundem e confirmem o exposto nesse trabalho, visto que há, certamente, vários outros aspectos lexicais que poderão ser alvo de averiguações posteriores, a serem vinculadas às pesquisas linguísticas pelo país a fora, ou seja, outras bases de dados também devem ser analisadas para ratificar que o português não possui (e nem pode possuir) uma feição única.

REFERÊNCIAS

1. BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira. **Revista SIGNUM: Estudos Linguísticos**, n. 13/2, p. 113-130, dez. 2010
2. BARBOSA, M.A. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. **I Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. Anais**. Assis; UNESP, 1993
3. BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico, Testemunho de uma cultura. In **Anais do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica**. Santiago de Compostela. Fundación Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa, La Coruña : Fundación Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa, 1990
4. BLANCH, M.L. La sociolinguística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M & BLANCH, M.L. **En torno a la sociolinguística**. México: UNAM, 1978
5. BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática. 1991

6. CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes. 1985
7. CARVALHO, Nelly. 2000. **A Língua do Nordeste**. < Disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/linguane.htm>. Acesso de 20 de agosto de 2006
8. CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge, CUP. 1980
9. DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão Monousuário 3.0 São Paulo: Objetiva, junho. 2009
10. DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993
11. FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana. **Revista do GELNE**. Fortaleza. Ano 1. Nº 2. 1999
12. FERRON, Myriam. *et. al.* **Grande Atlas do Corpo Humano: anatomia, histologia e patologia**. Barueri: Manole, 2007
13. LESÕES DO JOELHO (s.a). Bibliomed, Blog da Boa saúde. 2005. < Disponível em <http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=4833&ReturnCatID=1780> > Acesso em 04/5/2011
14. MARROQUIM, Mário. [1934] **A língua do Nordeste**. 3ª. ed. Curitiba: HD Livros Editora. 1996
15. NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958
16. QUESTIONÁRIOS DO ALIB. Editora Eduel. Londrina. Paraná. 2001
17. RAMOS, C. M. A. Variações lexicais no ALiMA. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 4, p. 201-203, 2002
18. SÁ, Edmilson José de Sá. Estudos Geolinguísticos: Variação Lexical de Termos Agropastoris. **Anais do IV SEF - Seminário de Estudos Filológicos - Filologia e Estudos de Linguagem**, Salvador. v. 1. 2009
19. SANTIAGO, L. L. ; DALPIAN, L. Geografia Linguística: consolidação de um método dialetológico.. In: Seminário Internacional em Letras, 2001, Santa Maria - RS. **Anais do Seminário Internacional em Letras** (em CD), 2001
20. SILVA, Greize Alves da & AGUILERA, Vandercir. Geolinguística: um estudo lexical no campo da fauna brasileira. In: V Encontro Científico do Curso de Letras - O Desafio das Letras - FACCAR, 2007, Rolândia. **V ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS FACCAR - Caderno de Resumos**. Rolândia : Faccar, 2007. v. 1. p. 41-42

ABSTRACT: This article aims to reflect a little on the Northeast lexicon. For this, a diatopical analysis of some accomplishments found in linguistic atlases both already concluded and in phase of elaboration. To establish confrontations between the chosen data, the atlases of Bahia, Paraíba, Ceará, Sergipe and Pernambuco, still in construction, are used. From these *corpora*, accomplishments as *arco-íris*, *estrela-cadente*, *rótula* and *avarento* had been chosen. It was perceived that the northeastern lexicon is much diversified, so that it is possible to find both distinct lexis and single ones at the spontaneous speech from the states that compose the region. Moreover, certain informers had preferred to determine concepts to use simple or composed lexis, perhaps under influence of extralinguistic or social elements, such as sex, age and school, as it has been perceived in other similar works.

KEYWORDS: Lexicon; Dialectology; Linguistic Atlas; Northeast or Brazil.

Recebido no dia 09 de maio de 2011.

Aceito para publicação no dia 04 de agosto de 2011.